

# VIVER, NARRAR, GUARDAR E FORMAR: UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES COM A ESCRITA (AUTO) BIOGRÁFICA

LIVING, TELLING, HOLDING AND FORMING: A HISTORY OF RELATIONSHIPS  
WITH (AUTO) BIOGRAPHIC WRITING

VIVIR, DECIR, MANTENER Y FORMAR: UNA HISTORIA DE RELACIONES CON LA  
ESCRITURA (AUTO)BIOGRÁFICA

Lúcia Gracia Ferreira <sup>i</sup>

**Resumo:** Este estudo objetiva mostrar as potencialidades da escritas biográfica e suas contribuições para reflexão e formação. Trata-se um relato sobre a experiência de escrever e analisar essas escritas, tomando, primeiramente, minha própria vida para análise. Como pesquisadora da área de autobiografia, venho, não só analisando as histórias de vida de professores, mas, também, escrevendo e analisando minha própria história. Nessa perspectiva, este trabalho mostra muito de minha vida que está guardada nos diários que escrevi ao longo da vida. Retrata a minha experiência com a análise da escrita auto(biográfica) iniciada no âmbito da minha formação continuada (mestrado), as aprendizagens construídas, a evolução e o prosseguimento, através das narrativas dessa forma, revelam as relações estabelecidas com essas escritas e as histórias construídas a partir delas. Salientamos a importância da escrita (auto)biográfica e seu potencial de formação e autoformação.

**Abstract:** This study aims to show the potential of biographical writing and its contributions to reflection and training. It is an account of the experience of writing and analyzing these writings, taking, first of all, my own life for analysis. As a researcher in the field of autobiography, I come, not only analyzing the life stories of teachers, but also writing and analyzing my own history. In this perspective, this work shows a lot of my life that is kept in the diaries that I wrote throughout my life. It portrays my experience with the analysis of self (biographical) writing initiated within the scope of my continuing education (master's degree), the lessons learned, the evolution and the continuation, through the narratives. In this way, it reveals the relationships established with these writings and the stories built from them. We emphasize the importance of (auto) biographical writing and its potential for training and self-training.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo mostrar el potencial de la escritura biográfica y sus contribuciones a la reflexión y la capacitación. Es una cuenta de la experiencia de escribir y analizar estos escritos, tomando, en primer lugar, mi propia vida para el análisis. Como investigador en el campo de la autobiografía, vengo, no solo analizando las historias de vida de los maestros, sino también escribiendo y analizando mi propia historia. En esta perspectiva, este trabajo muestra gran parte de mi vida que se guarda en los diarios que escribí a lo largo de mi vida. Retrata mi experiencia con el análisis de la escritura propia (biográfica) iniciada dentro del alcance de mi educación continua (maestría), las lecciones aprendidas, la evolución y la continuación, a través de las narraciones. De esta manera, revela las relaciones establecidas con estos escritos y las historias. construido a partir de ellos. Destacamos la importancia de la escritura (auto) biográfica y su potencial de formación y auto formación.

**Palavras-chave:** escrita, autoformação, relação.

**Keywords:** writing, autoformation, reaction.

**Palabras-clave:** escritura, autoformación, relación.

## DIÁLOGO INICIAL

Nesse trabalho, que é um relato sobre a experiência da escrita biográfica na minha história e da experiência da análise da escrita biográfica, ou seja, de como me relaciono com a escrita biográfica, trago aspectos da minha escrita e das análises já realizadas. Com isso, narro as aprendizagens adquiridas e as experiências vividas com a escrita. Como pesquisadora da área de autobiografia, venho, não só analisando as histórias de vida de professores, mas, também, escrevendo e analisando minha própria história.

Assim, este trabalho mostra as aprendizagens construídas, a evolução e a continuidade da abordagem (auto)biográfica, através das narrativas escritas na minha vida como pesquisadora, escrevendo e analisando as escritas de outros e as minhas. Mostra as relações estabelecidas com essas escritas e as histórias construídas a partir delas.

Perspectiva também, a potência formativa da escrita e sua essência carregada de aprendizagens e experiências, presentes em linhas, papéis, (etc.), guardados em cadernos, arquivos de computador. Da forma como é tratada aqui essas escritas são vivências, são ressignificação da vida; é formação. Desse modo, objetivamos mostrar as potencialidades da escrita biográfica e suas contribuições para reflexão e formação.

## A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA BIOGRÁFICA NA HISTÓRIA DA PESQUISADORA

Remeter as minhas experiências de escrever é importante nesse processo formativo, pois escrever meu próprio diário sempre foi uma atividade prazerosa, mas só percebi a relevância disso quando ingressei no mestrado e tive contato com o que se tornaria, anos mais tarde, um dos meus instrumentos de coleta de dados – o diário. Senti a necessidade de escrever a minha história de vida no ano de 2008, quando, tendo contato com a literatura do meu objeto de pesquisa, li em Pineau (1999) sobre as condições para desenvolver as aprendizagens e uma delas, no contexto do assunto tratado – experiências de aprendizagem e histórias de vida – ele fala sobre primeiro “ter feito a sua história de vida antes de acompanhar outros a fazê-lo” (p. 347). Isso me chamou a atenção e escrevi a minha história, primeiramente publicada no III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica, em 2008, que depois foi complementada e constituiu-se no primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado.

Escrever a minha história foi uma experiência de aprendizagem única, mas ao mesmo tempo difícil. O próprio Pineau (1999) já diz que a abordagem das histórias da vida é uma abordagem difícil. De fato, é, e refletindo sobre o a minha escrita percebi isso e percebi que o meu diário revela momentos de minha vida:

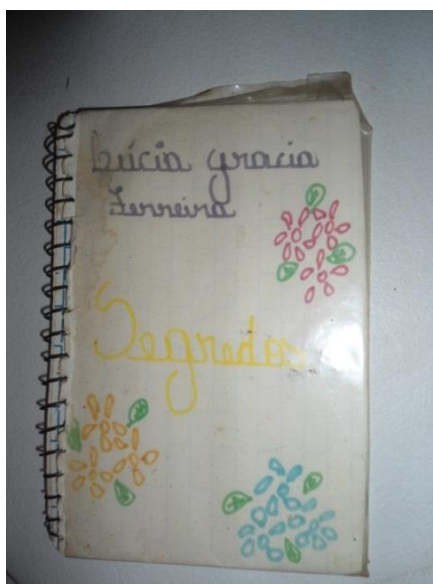
Eu não tinha condições nenhuma, naquele momento, de reelaborar a minha história de vida, até porque, naquele momento, ela não tinha muito sentido para mim. Voltar a lembrar, mexer nas feridas, sentir a dor, seria difícil demais para mim. Vi meus colegas contarem as suas histórias e chorarem. Chorei também, pois vi fragmentos de minha vida na história deles. Escrevi sobre a minha trajetória de vida esse ano no mestrado, há uns 5 meses, quando percebi que seria óbvio que para avaliar a história de vida de professores rurais seria pertinente avaliar primeiro a minha. Fiz, foi doloroso, mas eu consegui (Meu diário, 07/10/2008).

No primeiro semestre do Curso de Pedagogia me foi solicitado para escrever a minha história de vida, é sobre esse momento que falo no início da citação do diário. Dessa forma, a minha história com a escrita biográfica é anterior ao mestrado. As recordações e os papéis guardados me revelam que comecei a escrever sobre mim no ano de 1995. Eu sempre estudei em escola pública e por onde passei tive colegas com melhores condições de vida do que eu. Vi esses colegas terem muitas coisas simples que eu gostaria de ter. Eu sempre sonhei em ter um diário com a fechadura, por exemplo, as minhas colegas tinham, e nesse ano de 1995 eu consegui comprar (Figura 01). Nesse ano, obter esse diário foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Nele estão escritas de amigos, colegas e professores. São escritos de amizades, dedicatórias e felicitações. Entrar em contato com essas lembranças (ano de 2012) foi tão maravilhoso, voltei ao tempo, senti saudades, percebi que cresci. Esse diário permanece guardado no meio das minhas coisas até hoje, é parte de mim.



**Figura 01:** Meu primeiro diário.

Mas, esse não foi meu único instrumento de escrita em 1995, tive dois diários. Esse outro é um caderno pequeno (15,5 x 11) (Figura 02) que forrei com um papel branco, desenhei umas flores com o hidrocor, escrevi meu nome na frente e também o nome “segredos” e forrei com o plástico transparente. Nele, confidenciei algumas coisas de minha vida dos anos de 1995 e 1996. Há nele datas de fatos importantes que ocorreram em minha vida, principalmente, no que diz respeito a minha entrada para o mundo evangélico.



**Figura 02:** Meu segundo diário.

A experiência posterior se refere aos anos de 1999 a 2001 quando escrevi nos calendários (Figura 03), aquelas folhinhas que normalmente vem com um calendário e com a propaganda de algum estabelecimento. Eu gostava de escrever no calendário. Nele e no caderno não escrevia o que me acontecia todos os dias; escrevia aquilo que havia me marcado. Hoje sei que escrevia aquilo que não queria esquecer. Esses calendários revelam muito de mim e de minhas aprendizagens, me surpreendi nas releituras, muitas coisas eu não me lembrava mais.

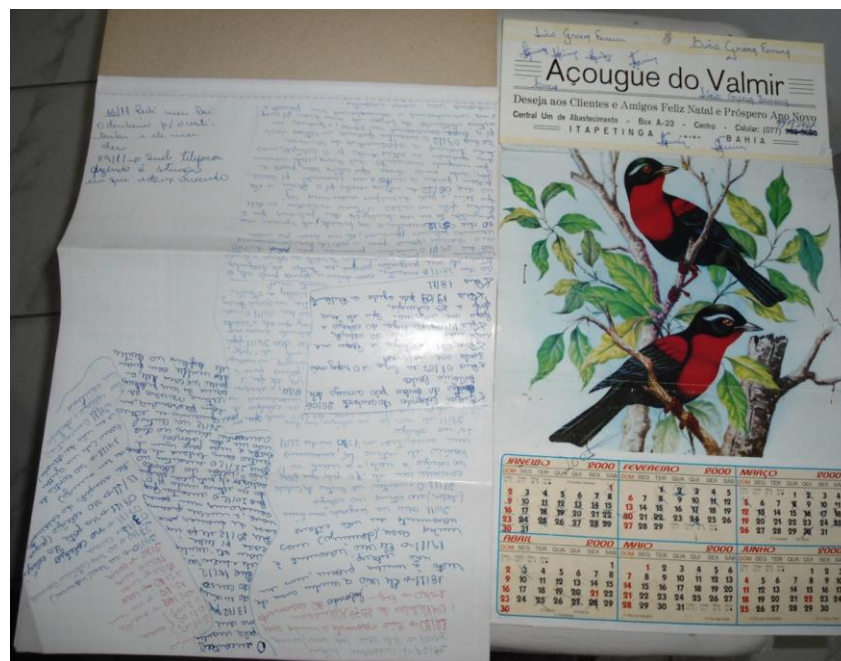


Figura 03: Calendários-diários.

Vivi e vivo até hoje a experiência de aprender através da escrita. Mesmo sem saber, quando iniciei a escrever sobre mim, da importância de escrever sobre mim mesma e a validade desses escritos para a formação do indivíduo, a releitura dos escritos sempre me remete a sentidos e significados diferentes. Conforme Zabalza (2002, p. 15):

Escrever seu próprio diário é a experiência de contar (o que você mesmo faz) e de contar-se a si mesmo (como duplo ator: o ator que realiza as coisas contadas e o ator que as conta). Experiência narrativa que posteriormente tornará possível uma nova experiência, a de ler-se a si mesmo com atitude benévola ou crítica, mas tendo a oportunidade de reconstruir o que foi a atividade desenvolvida e nossa forma pessoal de vivê-la.

Fui despertada a ter contato com essas escritas mais antigas por causa do meu objeto de estudo e tive a oportunidade de lê-los. Muitas vezes, em outros momentos, tive contato com esses diários, quando fui procurar em minha estante de caixa-arquivo alguma coisa e nisso acabava vendo-os, abrindo-os e lendo-os, mas sem nenhuma característica científica formal. Para este trabalho, eu os tirei das prateleiras e me relacionei com esses diários de outra forma. Percebi que todos eles são o que Cunha (2000) diz referindo-se aos diários íntimos de professoras, “letras que duram”.

Reler meus diários me permitiu/permite vivenciar cada escrita de maneira diferente, uma maneira para cada leitura. Permite-me entender Pineau (1999, p. 334) quando diz que “[...] já não são mais os sujeitos formados que fazem a história de vida. É a história de vida

que forma os sujeitos”. Permito formar-me em cada escrita e em cada leitura. Essa é uma das maiores vantagens de se formar pela escrita: o momento é seu, só seu. A vida é sua. Ser autor e ator de sua história é diferente de ser o leitor da história de alguém. Tornei-me uma leitora de minha própria história e isso tem me possibilitado experiências e aprendizagens.

No ano de 2008 reiniciei a escrita do diário (Figura 04), mas não era uma escrita frequente, escrevia somente aquilo que me marcava. Tomo emprestado o título do texto de Hess (2006, p. 89) “momento do diário e diário dos momentos”, para referenciar a essa minha escrita. Essa perdurou dessa maneira até o começo do ano de 2010, quando, após a aprovação na seleção do doutorado, senti a necessidade de escrever diariamente, já que teria o diário (auto)biográfico com instrumento de pesquisa e era com uma escrita diária que gostaria de receber o diário dos professores que seriam os colaboradores de minha pesquisa. Desde então é essa escrita que permanece, a escrita diária da minha vida.



**Figura 04:** Diários a partir do mestrado.

Em releitura, percebi que reflexos da escrita de minha história ainda estavam ali.

Após refletir sobre minha história de vida, senti necessidade de escrevê-la, não no diário, nesse diário, mas em outro lugar [...]. Resolvi escrevê-la para ser apresentada no III CIPA/RN. Escrevi o artigo “(Auto)Biografia ...”, onde relato sobre a minha autobiografia e as vidas que estão envolvidas e que promoveram o meu encontro com o meu objeto de pesquisa. Nele eu falo sobre as memórias e narrativas de mim, as vidas entrelaçadas e meu encontro com meu objeto e as descobertas que venho fazendo de mim mesma. Envolvi-me com a escrita de mim por me proporcionar entender a escrita de si e por desvelar identidades (Meu diário, 25/05/2008).

Acredito ser impossível contar todas as aprendizagens adquiridas com a escrita de mim mesma, os próprios fragmentos escolhidos para expor nesse trabalho já mostram muitas delas. Hoje posso dizer que mantenho uma relação muito íntima com a minha escrita.

O meu contato com o diário é constante, em muitos momentos da escrita eu leio e às vezes procuro uma escrita específica para ver data ou outra coisa parecida e me deparo lendo outras páginas não programadas para ler, mas que me permitem cada vez que leio uma nova experiência, uma nova escrita e uma nova formação. Segundo Zabalza (2002, p. 15):

Escrever sobre o que fazemos e ler sobre o que fizemos permite que nos coloquemos a uma certa distância da ação e vejamos as coisas e a nós mesmos em perspectiva. Imersos como estamos no dia-a-dia, nessa atividade frenética que nos impede de parar para pensar, planejar, rever nossas ações e nossos sentimentos, o diário é uma espécie de oásis reflexivo. É como retroceder nosso vídeo para pausar a imagem e assim poder rever um pouco mais lentamente essas cenas de nossa jornada.

Nessa perspectiva de escrever e ler o diário aprendo a cada dia. Cresço. Manter a distância é se colocar no lugar do leitor, mas é impossível sairmos também do papel de autor e de ator. É nessa dinâmica de ser autor, ator e leitor da sua própria história que a formação acontece através da experiência da escrita.

A escrita do diário, mesmo quando descritivo, é diferente, pois toda descrição é passiva de análise e toda análise é passiva de reflexão. Conforme Powell e Bairral (2006) referindo à escrita nos estudos matemáticos apontam que a descrição é interpretativa e que nós interpretamos para entender. Acrescento que refletimos para interpretar a descrição. Assim, por mais descritiva que seja uma escrita, a reflexão se faz presente.

A experiência de ser leitora e analista da escrita dos outros faz parte das minhas vivências e considero uma das mais ricas das experiências de uma professora/pesquisadora, por possibilitar ver, em muitas dessas escritas, aproximações com as suas, e aprender através de todas elas. Considero importante descrever os caminhos percorridos até aqui para a aquisição dessas aprendizagens da análise biográfica.

## **UMA EXPERIÊNCIA DA ANÁLISE DA ESCRITA BIOGRÁFICA**

A experiência de analisar a escrita biográfica é algo recente em minha vida, iniciou-se no ano de 2008 quando cursava o mestrado. Realizei o Tirocínio Docente (o estágio em docência), no II semestre letivo, na Universidade do Estado da Bahia, no curso de Pedagogia, juntamente com o meu orientador, na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica

IV, que propunha o estudo das histórias de vida, a formação e autoformação no decurso da vida e a fertilidade da abordagem autobiográfica no espaço da prática pedagógica e do estágio supervisionado.

Nessa disciplina, acompanhei a experiência da pesquisa dos alunos realizada nas escolas. Para avaliação, os alunos entregaram uma memória educativa, (memorial) referente a sua própria vida e a memória de professores, referente a vida do professor que foi entrevistado por eles. Foi uma experiência muito proveitosa. Essa foi a primeira vez que analisei a escrita biográfica. Uma dessas leituras do memorial me deixou marcas.

Antes da aula encontrei uma aluna (do tirocínio), *E<sup>1</sup>*, e ela disse que me enviaria o memorial dela para eu dar uma olhadinha. A noite, ao chegar em casa, abri o email e lá estava. Comecei a ler e a chorar, na vida dela tinha algo em comum com a minha: perdemos nosso pai. Já estava meio receosa para avaliar aqueles meninos<sup>2</sup>, mas quando estava lendo esse memorial decidi que queria avaliá-los sim. Fui eu quem os acompanhei durante todo o semestre, fui eu quem tirei as dúvidas, enviei os textos quando precisaram. Também havia o fato de através dos memoriais poder conhecê-los melhor e a mim mesma. A leitura desse memorial mexeu comigo, enquanto pessoa e professora. Era preciso entender os alunos sim. Nunca ser radical, rigorosa, tudo deveria ser entendido, é assim que a prática ganha sentido e que os alunos são conquistados (Meu diário, 07/10/2008).

De fato, a minha prática pedagógica mudou. Esse momento da escrita foi um daqueles momentos que Schön (1995) e Zeichner (1993) falam da reflexão. Experimentei ser uma professora reflexiva através do ato de escrever sobre mim mesma. Sou assim até hoje e quando o faço, também experimento a formação – aquela de que fala Nóvoa (2009) – a formação ao longo da vida.

Posteriormente, mas no mesmo ano, coletei os dados de minha pesquisa da dissertação e um dos instrumentos de coleta foi o memorial autobiográfico. Essas análises ocorreram no ano de 2009. A própria experiência de escrever uma dissertação sobre a abordagem autobiográfica já exige do pesquisador um conhecimento sobre as histórias de vida e um envolvimento com a escrita biográfica. Recolhi para a dissertação nove memoriais biográficos de professoras rurais, onde pude reconstruir, através da análise da escrita, as trajetórias de escolarização, as trajetórias de atuação profissional docente e apreender aspectos sobre as memórias de si – vida pessoal e social.

---

<sup>1</sup> Letra inicial do nome da aluna.

<sup>2</sup> Os meninos aqui se referem aos alunos e alunas do primeiro semestre do ano de 2008, da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, habilitação em Educação Infantil.



No ano de 2010 experimentei algo parecido e ao mesmo tempo diferente. Sei que estou sendo contraditória e foi nesse período também que entendi como a ambivalência citada por Enguita (1991) está presente não só na docência como nas nossas aprendizagens. Aprendi que é nela que está a contradição, a dialética e a transformação. Essa experiência a que me refiro está relacionada as vivências a partir do Programa de Estágio Supervisionado e Capacitação Docente - PESCD. Dessa vez a disciplina ministrada, junto com a minha orientadora do doutorado foi “Estágio Supervisionado para a Formação em Docência”, no curso de Pedagogia, para alunos do 5º semestre.

Nessa disciplina, houve momentos de interação no ambiente virtual *moodle*<sup>3</sup> e tive que aprender a usar essa ferramenta. A disciplina tinha a proposta de postagem dos diários reflexivos de estágio no *moodle*, também de textos e outros materiais. Com isso, eu, a professora e os alunos puderam interagir no ambiente virtual. As leituras dos diários postados ajudaram muito no desenvolvimento dessa pesquisa de doutoramento, tinha tudo a ver a proposta da disciplina com a minha pesquisa. O moodle proporcionava, através do fórum de discussões, conversas entre os seus participantes (eu, a professora supervisora e os alunos), a retirada de dúvidas e a postagem de materiais.

Foi a minha primeira experiência com diários e foi à experiência que ocorreu no doutorado, mas que ainda não era a minha pesquisa. Isso foi muito importante para mim. Foi através desses diários de estágio que algumas coisas sobre o meu projeto de pesquisa foram ficando mais claras e puderam ser mais bem definidas. Tomei a consciência de alguns cuidados que teria que tomar, com as escritas às quais teria acesso e que, provavelmente, poderia me deparar, mas também fiquei feliz, pois, diante do que vi, belas escritas, tomei consciência de que encontraria muitas coisas boas nos vários diários que teria acesso, como a escrita da formação, diferente para cada pessoa; das subjetividades que dão sentido a vida profissional etc. Faço referência dessas escritas dos diários, no meu diário.

Gostaria de falar dessa experiência de dar os *feedbacks* nos diários de aula dos alunos do estágio. É muito cansativo, mas é compensador. Nesse caso, vivo na contradição, eu acho bom e ao mesmo tempo ruim; é gostoso e ao mesmo tempo doloroso. Vivo na ambivalência; ao mesmo tempo em que isso me ocupa muito tempo, isso também me ajuda a pensar no meu projeto de tese, a aprender, me proporciona experimentar e, por fim. Isso acaba sendo um ganho de tempo. Fico muito feliz quando leio umas escritas boas como as de *T.* e *L.*<sup>4</sup> Fico feliz também

---

<sup>3</sup> <http://www.moodle.ufscar.br/> - Apoio ao ensino presencial.

<sup>4</sup> As letras maiúsculas acompanhadas de ponto em itálico se referem a primeira letra do nome da pessoa que não será identificada.

quando percebo que G. vem se superando. Aqueles garotos e garotas escrevem muitas coisas boas e pertinentes, emocionantes até... Fiquei eufórica quando li o diário de G. da semana 6, onde ela mostra em três situações diferentes progressão na escrita. Genial! Fiquei emocionada quando li aquilo. Ao mesmo tempo em que esse trabalho me emociona, me deixa com a mente cansada. Parece contraditório, mas é. É como está no texto da disciplina da Anete “é devir sem vir a ser”<sup>5</sup>. É mais que contradição, é superação, porque com tudo isso me torno melhor naquilo que faço. Não paro tudo e fico enfadada, fico satisfeita. E quando penso que vou ter que ler mais diários, fico só imaginando que no dia em que parar para fazer isso não vou poder fazer mais nada, mas quando paro para fazer isso fico satisfeita.. parece um ciclo, parece que preciso me sentir enfadada para depois me sentir satisfeita. Vivo a superação na contradição, acho que é isso (Meu diário, 26/05/2010).

Nessa escrita acima, refiro-me a um momento de muita emoção, eu precisava escrever sobre isso. G. (e outros estagiários) escrevia o diário de aula de uma maneira muito descritiva, sem se envolver muito, mas isso foi mudando com o tempo. À medida que eu dava os *feedbacks* nos diários, os alunos iam mudando a escrita dos mesmos. Faço alusão a uma escrita de G. abaixo.

Hoje entrou um aluno novo na sala, percebi que ele ficou quieto a aula inteira e um pouco perdido, sendo que a professora pedia para que os outros alunos o orientassem. A professora pediu para que eu fizesse a sondagem com ele e achei uma oportunidade bem interessante. Através da mesma percebi que este aluno está indo do nível pré-silábico para o silábico, ele fazia uma grande entonação em cada sílaba antes de escrever a palavra [...]. A questão que hoje dei maior importância é uma reflexão sobre como o professor lidar com um aluno novo. Vejo que o professor deve ter uma atenção especial a esse aluno, principalmente nos primeiros dias, até que este se adapte, mas também vejo que o professor não deve mudar sua rotina por causa desse aluno. Sendo assim coerente e justo tanto com o aluno novo, como com seus outros alunos (Diário de G., 10/05/2010).

Hoje a professora iniciou a aula lendo a seguinte história: O macaco e a boneca de piche, a mesma conta que em uma fazenda toda vez que a bananeira se carregava de bananas, um macaco muito mal educado, as roubava e ainda por cima fazia careta para a velha da fazenda. A velha muito irritada com a situação faz uma boneca de piche e coloca várias bananas propositalmente na boca dessa boneca. Como esperado o macaco aparece novamente e pede uma banana para boneca, como ela não o responde, dá um soco nela e fica com sua mão presa e assim todos seus membros vão ficando presos. Depois disso, a velha pegou o macaco o matou e comeu, de madrugada teve dor de barriga e saíram de dentro dela vários macaquinhos cantando: Eu vi o..... da velha, entrei numa porta e sai pela outra. Sinceramente achei a história totalmente desapropriada para as crianças, apesar das crianças terem adorado, senti que a mesma não deveria ter sido escolhida. O que poderia ter acontecido, seria o seguinte, ela ter contado a história até a parte que o

---

<sup>5</sup> Tomo o termo devir emprestado para a escrita do meu diário, mas o termo não se aplica aos estudos autobiográficos.

macaco fica totalmente preso e depois falar para os alunos que a lição que a história traz é que como o macaco sempre aprontava, dessa vez foi ele que se deu mal, ou seja, mostrando que quem apronta, um dia será a vítima [...]. Depois do intervalo, foram para a educação física como toda quarta-feira, bom iniciaram a aula e a professora pediu para que fizessem a seguinte atividade, se juntassem em trios e cada trio teria um representante, este representante iria fazer ações e os outros dois integrantes iriam imitar. Como toda criança em normal estado de saúde, a maioria dos gestos era correr e se jogar no chão, só que no meio da brincadeira, uma menina se machucou. Como estava perto ajudei a socorrer a mesma já que o nariz dela estava sangrando. A hora que eu vi que a menina tinha se machucado fiquei aflita, pois tenho pavor de sangue e em menos de segundos estava pronta para ajuda-la. Depois que o nariz dela parou de sangrar fiquei sentada com ela, colocando uma compressa em seu nariz e senti muito medo, pois temia que voltasse a sangrar, mas também fui forte para passar tranquilidade. E ela tão pequena, chorava tanto, fiquei com muito dó, era perceptível sua aflição e dor no choro, então fiquei com ela até que se sentisse acolhida e então se acalmar.[...]. A partir de um episódio chato como esse, pude perceber que muitas vezes o professor tem que desempenhar papéis que não são especificamente seus. Vejo totalmente equivocada a idéia que o professor só está ali para ensinar e acabou, pois para que a aprendizagem ocorra o professor deve suprir algumas necessidades dos alunos. Hoje mesmo percebi que na hora que estava cuidando da R., desempenhei o papel de um médico e o papel da mãe, no âmbito de acolher a criança. [...] (Diário de G., 12/05/2010).

[...] Hoje em um certo momento da aula, vieram dentistas e levaram os alunos no pátio para a aplicação de flúor. E depois, os alunos voltaram para sala com um kit que tinha escova e pasta de dente. Vejo como fundamental, que ocorra essa prática assistencialista, para essas crianças que necessitam de apoio e suporte. [...]. Acredito que um âmbito que permite muitas discussões é sobre o caráter assistencialista dentro da escola, pois quando estamos fora da realidade escolar, é fácil falar que a escola que tem o caráter assistencialista perde sua especificidade, porém, quando entramos lá e enxergamos as necessidades reais modificamos nossos pensamentos. Eu vejo que a escola deve ter uma prática assistencialista com os alunos, entretanto, ela não pode perder sua característica principal que seria o ensino e a aprendizagem. Portanto vejo a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados, assim, capacitados para fazer a mediação entre a assistência e o ensino (Diário de G., 13/05/2010).

Nos *feedbacks* sempre procurei chamar atenção para algumas coisas que promoveriam a melhoria da prática docente e da escrita. Também motivava, elogiava e dava apoio ao trabalho realizado. O *feedback* que emiti para a escrita dela, referente a 6ª semana segue abaixo.

Parabéns!

Você nessa seção explorou mais e melhor suas descrições. Gostei. Você se manifesta em alguns momentos da escrita de forma emotiva. Solicitei que fizesse isso no *feedback* passado. Muito bem. Você conseguiu ser

crítica e emitir sua opinião de determinadas situações em sala de aula. Para uma iniciação a docência isso é bom, faz parte das aprendizagens da docência. O aluno novo, a opinião sobre a história “inadequada”, a aluna com o nariz sangrando, neles, estão o seu progresso na escrita. Pude ver muitas coisas nesses três itens. Tem um momento que você fala “senti medo”, você se expõe sem receio, você se joga, se expressa e depois diz “mas também fui forte para passar tranquilidade”. Você não foi contraditória ao dizer isso, você mostrou SUPERANÇA. Seria capaz de passar horas falando o que significa isso na escrita de um diário, mas acredito que essas poucas palavras te farão entender. Fiquei feliz por você. Tente perceber mais essas coisas e escrever no diário. Você fala do choro daquela criança, dos seus sentimentos em relação a ela e em relação ao choro dela, conseguiu dizer que aquele choro transmitia aflição e dor e falou da necessidade que sentiu de ficar com ela até se acalmar. Falou mais dos alunos e de você, falou mais do que é ser professor e das funções da escola. Muito bom. Lembre-se, é a sua escrita, é o seu diário, é o seu momento, é a sua formação. Aproveite bem. Até. (*Feedback*, diário de G., semana 6, 21/05/2010).

G. demonstrou nessas escritas a aproximação com a construção de uma identidade docente, construída em meio a conflitos e lutas; construída na dialética, na contradição. Os trechos citados dos diários ainda demonstram a experiência de troca. Tanto eu aprendi analisando os diários dos estagiários, como também eles aprenderam no estágio e na escrita sobre a experiência do estágio. Dessa forma, a partir da leitura da obra de Zabalza (1994) evidenciei o papel da escrita dos diários em três momentos: 1) quando pensamos sobre o que vamos escrever; 2) quando escrevemos, colocamos em prática os códigos gráficos; 3) quando lemos o que escrevemos. Há três momentos de reflexão aqui citada. Vivencio isso ao escrever o diário.

Nos diários estavam descritas as atividades que os alunos estavam realizando nas escolas onde estavam estagiando como a rotina, os alunos, as atividades etc. Mas nesses diários também estavam representações, revelações e superações. Sentimentos como alegria, tristeza, medo, angústia também estavam presentes. Nas escritas eram comuns situações de nervosismo, irritação, prazer, choro, autoestima. Eram sentimentos diversos, contraditórios até, mas eram experiências que eles estavam fazendo valer a pena. Em cada leitura pude verificar progressos, muitas aprendizagens que estavam sendo adquiridas pelos alunos estavam ali. Fui privilegiada, pois tive acesso a tudo isso. Tudo isso me remeteu a uma descrição das escritas dos diários: eram simplesmente emocionantes. Aprendi, é isso que quero afirmar nesse momento. A leitura dos diários era realizada por mim e procurava dar retorno para os alunos através do *feedback*. Foi uma experiência de troca que vivenciei.

## A PERSPECTIVA DO FORMAR PELAS ESCRITAS

A narrativa (auto)biográfica no âmbito da escrita de si, permite ao sujeito em processo de formação, refletir sobre o seu cotidiano, possibilitando trazer a realidade da vida pessoal e profissional de forma a se tornar um ponto de partida para o conhecimento de si (ZIBETI, 2007). Conforme Souza (2006a, p.60).

A escrita da narrativa tem um efeito formador por si só. Isto porque coloca o ator num campo de reflexão, de tomada de consciência sobre sua existência, de sentidos estabelecidos à formação ao longo da vida, dos conhecimentos adquiridos e das análises e compreensões empreendidas sobre a vida, do ponto de vista psicológico, antropológico, sociológico e lingüístico que a escrita de si e sobre si exige.

Assim, a escrita como registro da prática e da vida torna-se importante registro para a compreensão das trajetórias pessoais-profissionais e dilemas da sala de aula.

A escrita sobre a vida possibilita ao sujeito que escreve compreender o processo de conhecimento e aprendizagem a que estão implicados nas suas experiências construídas ao longo da vida (SOUZA, 2006b). Essa escrita possibilita analisarmos como ressignificam as histórias no processo de escrita e formação, pois se trata de um exercício de autoconhecimento. Essa narrativa marca de alguma maneira, o início da experiência docente e pela escrita do diário, por exemplo, possibilita a retomada da história de vida e a reflexão sobre a prática e sobre o processo de formação (HOLLY, 2007). Através da escrita é possível conhecer o cotidiano da realidade pessoal e profissional das pessoas, ilustrações de pensamentos, sentimentos e resistências; no caso de professores, ainda como veem o ensino e a prática pedagógica e o que eles selecionam para escrever.

No processo de escrita-leitura há um duplo: o sujeito que escreve se forma pela escrita e pela leitura (e releituras das escritas); o sujeito que lê (e analisa) também se forma pela apreensão da leitura. Há, nesses casos, o processo de autoformação dos sujeitos. Assim, no âmbito desse processo de formação é importante destacarmos o poder socializador da atividade biográfica, necessária nesse contexto de formação, já que tem uma intenção estritamente formativa. Dessa forma, as narrativas se configuraram como momentos importantes de produção e narração das histórias de vida, como ressalta Moraes (2004, p.169):

Ouvir a história de vida do professor vem se apresentando como uma alternativa, entre outras, para formar o professor. Entretanto, é importante salientar que não é suficiente somente dar voz ao professor: é necessário fazê-lo refletir sobre as nuances que teceram essa formação.

É necessário oportunizar momentos nos quais, a partir da reflexão, seja possível enxergar com mais clareza e consciência como ele vem se tornando professor.

A reflexão sobre as escritas possibilita o que a autora ressalta, pois ela é impulsionadora de formação. Os sujeitos devem ser estimulados a falar de si, dos seus processos formativos, a socializar as suas escritas, refletir sobre o que estava sendo proposto. O outro (sendo aqui a pesquisadora) é muito importante nesse processo, como sendo aquele que “me escuta”, que tem uma escuta sensível das minhas “minhas histórias”. As narrativas e os diálogos ocupam, nesse contexto, o lugar de um trabalho reflexivo, resultados da interação entre os sujeitos que escreve e aqueles que analisam a escrita, mas em ambas posições o processo é autoformativo.

Os memoriais e os diários, expostos neste trabalho, se configuram como um gênero textual (autobiográfico) – escrito-, e ainda, como fontes de pesquisa, inscritos no paradigma das ciências humanas e sociais. Em ambos as narrativas de vida são tomadas “como um fragmento do mundo sócio-histórico” (PASSEGGI, 2000). Como gêneros autobiográficos, foram analisados em suas particularidades, diferenças e semelhanças, promovendo a confiabilidade da análise e interpretação dos dados, tomando as suas dimensões, contextos, demandas, expectativas e finalidades, tentando “abarcando a globalidade de uma das dimensões da vida e procurar entendê-la em sua dinâmica própria: a formação para a docência [...]” entre outras formações, é claro (PASSEGGI, BARBOSA, CÂMARA, 2008, p.74). Estes têm como efeito sobre o ator/autor a apropriação do poder da autoformação, de auto-avaliação, ou seja, promove a reinvenção de si, através das narrativas, que em educação, “dentro do mesmo espírito, foi concebida como um processo de intervenção, tendo como prioridade colocá-la a serviço do narrador, visando à sua transformação” (PASSEGGI, 2000). A escrita autobiográfica tem essa potência como efeito, formativa.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

Dessa forma, o trabalho aqui demonstrado refere-se ao arquivamento da vida. Através das minhas escritas realizadas e de outras analisadas, foi possível estabelecer uma história de relação com a escrita e perceber, ainda mais, que as escritas são reveladoras da vida.

Destaco a escrita, como reveladora das experiências vividas e possibilidades de aprendizagens e o processo da escrita como formativa porque faz o sujeito se posicionar como autor, ator, escritor e leitor de sua história. Isso nos coloca na posição também de

responsáveis pela nossa formação. Assim, salientamos que a escrita revela processos formativos.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.

ENGUITA, Mariano Fernández. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria da educação**, n. 4, Porto Alegre: Pannonica, 1991. p. 41-61.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna B (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.89-103.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In. NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 2007. p.79-110.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. **Pro-Posições**, v. 15, n. 2 (44), maio/ago. 2004.p.165-173.

NÓVOA, Antonio. **Professores: imagem do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária**. III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural. São Paulo: Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, Tatiane M. N; CÂMARA, Sandra C. X. Gêneros acadêmicos autobiográficos: desafios do GRIFARS. In: SOUZA, Elizeu Clementino; PASSEGGI, Maria da Conceição. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p.57-89.

PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. In: CARRÉ, P.; CASPAR, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas de formação**. Trad. Pedro Seixas.Lisboa: Instituto de Piaget, 1999. p. 327-348.

POWELL, Arthur; BAIRRAL, Marcelo. Alguns aspectos teóricos para a análise do aprendizado matemático mediante a escrita In: \_\_\_\_\_. **A escrita e o pensamento matemático: interações e potencialidades**. Campinas/SP, Papirus, 2006, p.47-67.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-91.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006a.

\_\_\_\_\_. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Tempos, narrativas e ficção: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b. p. 135-147.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. Os diários de classe dos professores. **Pátio - Revista Pedagógica**. Ano VI, nº 22, julho/agosto 2002. p. 14-17.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. Escrita de professoras: estratégia de formação e instrumento de valorização profissional. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rousaura (Orgs.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.149-160.

*Recebido em 22 mai 2020.*

*Publicado em 01 jun 2020.*

---

<sup>i</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia; Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/UESB e Docência, Currículo e Formação/UFRB.  
E-mail: [luciagferreira@ufrb.edu.br](mailto:luciagferreira@ufrb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3655-9124>.